

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT 3) Gênero, Comunicação, Arte e Literatura

**VOZES NEGRAS E INDÍGENAS NA LITERATURA LATINO-AMERICANA
CONTEMPORÂNEA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE**

Francelina Barreto de Abreu
Instituto Federal de Educação
Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

VOZES NEGRAS E INDÍGENAS NA LITERATURA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Francelina Barreto de Abreu¹

RESUMO: O presente artigo, se propõe a tecer um olhar sobre a construção da identidade feminina na atual conjuntura da literatura latino-americana. O trabalho faz um recorte na figura feminina representada pela mulher negra, em Victória Santa Cruz no poema *Me gritaron Negra*, e na indígena, por Eliane Potiguara na obra *Metade cara, metade máscara* (2019). A escolha destas obras se deu em função do caráter de enfrentamento ao preconceito e ao racismo como marca constante de resistência ao silenciamento associado ao contexto histórico e aos fatores sociais que contribuem para a visão de inferioridade e exclusão a que estiveram submetidas e o enfrentamento ao sofrimento que passaram essas mulheres reafirmando sua identidade. Como aporte teórico-metodológico para a pesquisa foram escolhidos os autores Maldonado-Torres (2007), Quijano (2005), Bosi (2002), Perrot (2007), que corroboram com este estudo.

Palavras-chave: identidade; mulher negra/indígena; racismo; literatura latino-americana.

ABSTRACT: This article proposes to take a look at the construction of female identity in the current conjuncture of Latin American literature. The work cuts in the female figure represented by the black woman, in Victória Santa Cruz in the poem *Me scitaron Negra*, and in the indigenous, by Eliane Potiguara in the work *Half Face, Half Mask* (2019). The choice of these works was due to the character of confronting prejudice and racism as a constant mark of resistance to silence associated with the historical context and the social factors that contribute to the view of inferiority and exclusion to which they were subjected and facing suffering. who spent these women reaffirming their identity. As theoretical and methodological support for the research were chosen the authors Maldonado-Torres (2007), Quijano (2005), Bosi (2002), Perrot (2007), which corroborate this study.

Keywords: identity; black / indigenous woman; racism; Latin American literature.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído tomando como base a representação do feminino na literatura latino-americana contemporânea. Para a análise escolhemos fazer um recorte na representação da mulher negra e da indígena, por observar o caráter histórico de exclusão e silenciamento a que foram e são submetidas. A representante da literatura negra é Victória Santa Cruz em seu poema *Me gritaron Negra* (1960), e a indígena escolhida por sua constante luta e representação de seu povo é, Eliane Potiguara em *Metade cara, metade mascara* (2019). A escolha destas obras se deu em função da necessidade de apontarmos a relevância de estudos contemporâneos que tenham como objeto de análise a mulher negra e a indígena.

¹ Mestra em Letras Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professora substituta no Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Pará (IFPA). E-mail: francymes18@gmail.com

Observamos nestas narrativas uma transformação na voz discursiva, para uma breve comparação tomamos o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890. Nesta obra, temos a representação feminina construída pela perspectiva masculina, o que inclui toda a carga social do período histórico representado. De acordo com Perrot (2007, p. 16), durante muitos séculos “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual”, como ocorre nesta e em muitas outras obras.

Em contrapartida, percebemos em *Me gritaron negra* (SANTA CRUZ, 1960) a própria representatividade da mulher negra que sente/vive o preconceito e passa a utilizar a poesia como ferramenta de luta contra as violências sofridas. Da mesma forma, escolhemos *Metade Cara, metade mascara* (POTIGUARA, 2019) pelas denúncias sociais apresentadas contra a mulher indígena, não somente a esta, mas a todos os povos indígenas que permanecem até os dias atuais vítimas da colonização. Mais de quinhentos anos passaram-se desde que se iniciou em nosso continente esse processo e como a própria autora denuncia, permanece.

Nos últimos dias foi noticiado o assassinato de Paulo Guajajara², líder indígena, que lutava pela defesa da Terra Indígena Arariboia, no Estado do Maranhão. Mais uma vítima dos constantes crimes cometidos contra indígenas no nosso país. A escolha da obra de Eliane Potiguara, se deu devido as fortes críticas, e denúncias que a autora tece em seu livro, apontando o descaso do governo para com a população indígena brasileira.

Desta forma, tanto na poesia de Victória Santa Cruz como no livro de Eliane Potiguara, percebemos uma estrita relação dos relatos com as vivências das autoras. Potiguara saiu muito cedo de suas terras e presenciou as mais diversas formas de dominação para com seus “irmãos”. Por sua vez, Victória aos cinco anos sofre pela primeira vez racismo, sem nem mesmo compreender o significado do termo, negra.

Assim, ao analisar a poesia e o livro nos determos em tecer nossa observação sobre o processo de construção da identidade destas mulheres negras e indígenas na América Latina contemporânea, perpassando pelo contexto sociocultural e histórico americano.

1 Minha história das mulheres negras e indígenas.

Michelle Perrot, em seu livro *Minha história das mulheres* (2007), apresenta um direcionamento que nos norteia no entendimento da construção da história destas ao longo do tempo. A autora deixa explícito desde as primeiras páginas a dificuldade de um relato histórico temporal feminino devido ao enorme silenciamento e exclusão a que estiveram submetidas.

² Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/02/politica/1572726281_632337.html>

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é freqüentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios (PERROT, p. 20, 2007).

De acordo com o fragmento, as mulheres tiveram seus rastros apagados e levaram muitos séculos para adquirir a percepção de seu espaço como ser social de igual valor ao masculino, “[...] elas mesmas, mergulhadas em silêncios impostos e sufocadas por imagens distorcidas, por muito tempo desprezaram a importância de sua história” (PERROT, p. 10, 2007). E os fatores que contribuíram para isso são os mais variados possíveis, nas linhas seguintes há uma síntese do percurso histórico.

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. (PERROT, p. 11, 2007)

Assim, é perceptível que influenciadas pelos fatores sociais, elas se abstiveram de construir sua história pelo preconceito a que estiveram submissas. No século XVIII, a visão estabelecida se aproximou a da animalização, a dificuldade de falarem sobre si perdurou no século seguinte, no qual, por fim, tiveram acesso à educação, mas apenas no século XX, passam a tomar posse da construção do discurso feminino como meio de luta contra a desigualdade de gênero.

Ao se tratar da mulher negra e indígena a situação torna-se um pouco mais complexa, envolve além do fator gênero, a questão racial. Segundo Quijano (2005, p. 117) a ideia de raça é “uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros”, explica as relações entre brancos, negros e índios e se estende para a relação de gênero. “Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população” (QUIJANO, 2005, p.117).

Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus

traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, p. 118).

É sobre este início da colonização do território americano que o escritor colombiano William Ospina produz seu romance. A obra de Ospina, foi escrito no ano de 2008, mas retrata o período de chegada dos colonizadores espanhóis na América. O autor, apresenta todo o cenário de destruição dos povos indígenas, demonstrando desde os primeiros anos da colonização a submissão e o extermínio a que foram submetidos.

Na narrativa *El país de la Canela* (2008), temos a presença da indígena Amanei. A personagem é descrita em situação de total submissão ao colonizador branco. Com ele teve um filho mestiço, a quem criou como ama de leite, sendo-lhe retirado o direito da maternidade. Silenciada, a índia passa longos anos mantendo a farsa e apenas depois da morte do espanhol, pai de seu filho, ela se assume como mãe do narrador, “mi madre verdadera era ella misma: la índia de piel oscura” (OSPINA, 2008, p. 12).

Como se já não bastasse todo o sofrimento imposto pelo silenciamento, sofreu ainda com a rejeição do filho, “Toda mi infancia la había querido como una madre: bastó que pretendiera serlo de verdade para que mi devoción se transformara en algo cercano al desprecio” (OSPINA, 2008, p.12). O relato segue expondo o fim da vida da índia. “Amaney, mi madre india, mi madre, había muerto a solas como murió su raza sin quejarse siquiera, porque no había en el cielo ni en la tierra nada ante lo cual pudiera quejarse, abandonada por sus dioses y negada por su propia sangre” (OSPINA, 2008, p.223). Terminou morrendo triste e solitária, pois havia sido tirada de sua tribo e rejeitada pelo único parente que lhe restara, o filho.

Dois pontos da citação são relevantes, o primeiro, evidencia o silenciamento da indígena, ela não tem o direito de criar o menino como seu filho e suporta tudo sem dizer nada, deveria era permanecer calada para assim receber o merecimento de conviver com o menino como ama de leite. O segundo, externa o mesmo tema, silenciamento, aplicado a toda a sua raça. A quem ela poderia pedir ajuda? Todos estavam mortos, escravizados e retirados de seu lar, por isso permaneceu calada até o momento de sua morte.

Os usurpadores, “se apropriaram de terras indígenas, submeteram a população local a trabalhos forçados nas minas e a serviços pessoais de vários tipos, empenharam-se em colonizar suas mentes e sujeitaram mulheres indígenas a todas as maneiras de abuso sexual” (STOLKE, 2006, p.18).

O que nos aproxima das denúncias realizadas por Eliane Potiguara, atualmente. A autora indígena, expõe todo o reflexo histórico social da conquista da América. Assim como, critica todos os danos pela destruição e êxodo indígena. A situação não é muito diferente mais de cinco séculos depois, como denuncia Potiguara.

As mulheres indígenas também vão trabalhar como operarias mal remuneradas ou nas grandes plantações dos latifundiários, em um sistema de cativo, trocando seu trabalho por latas de sardinhas e nunca conseguindo pagar suas dívidas com o contratante. Outras vezes, vão morar com homens sem caráter que as transformam em objeto de cama e mesa, submetidas a agressões físicas e parindo dezenas de filhos, para viverem, miseravelmente, nas casas de palafitas da Amazônia, dentro e fora do Brasil, ou sobrevivem em favelas contaminadas moral, social, política e fisicamente. Muitas vezes, trabalham somente pelo prato miserável de comida (POTIGUARA, 2019, p. 30).

Neste sentido, percebemos que muitos anos se passaram desde o início da conquista, no entanto, as mazelas causadas a mulher indígena permanecem as mesmas. Apesar das transformações ocorridas na sociedade latina a relação de dominação, imposição de cultura e destruição física e cultural permanece.

O mesmo acontece com os negros, desde que foram trazidos da África. Sofreram com o afastamento de suas terras, cultura e povos. Vitimados pela escravidão que se estendeu pelo discurso conquistador de dominação e vitimou inúmeras pessoas. E o fator cor da pele foi determinante como evidencia Maldonado-Torres:

Nuevas identidades fueron creadas en el contexto de la colonización europea en las Américas: europeo, blanco, indio, negro y mestizo, para nombrar sólo las más frecuentes y obvias. Un rasgo característico de este tipo de clasificación social consiste en que la relación entre sujetos no es horizontal sino vertical. Esto es, algunas identidades denotan superioridad sobre otras. Y tal grado de superioridad se justifica en relación con los grados de humanidad atribuidos a las identidades en cuestión. En términos generales, entre más clara sea la piel de uno, más cerca se estará de representar el ideal de una humanidad completa. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 132).

O grau de humanidade das pessoas passa a ser estabelecido pela tonalidade da pele, quanto mais clara a pele do ser humano, mas humano ele seria no período colonial. Dado interessante se considerarmos que as piores atrocidades cometidas neste continente foram praticada por brancos. Nossa intenção não é corroborar no sentido de qual a raça é “superior”, mas deixar claro o nível de preconceito e injustiças sociais a que índios/as e negros/as estiveram sujeitos.

Sobre a relação de gênero no sistema escravocrata Ângela Davis (1992, p.10) afirma “o sistema da escravatura define os escravos como bens móveis. As mulheres eram olhadas não menos que os homens, eram vistas como unidades rentáveis de trabalho, elas não tinham distinção de gênero na medida das preocupações dos donos de escravos”. Em momento algum houve um tratamento diferenciado para as escravas negras, ao contrário, a

preocupação era o benefício da força de trabalho. Amanei conseguiu acompanhar o crescimento do filho na condição de ama de leite, no entanto, inúmeras escravas negras foram brutalmente separadas de seus filhos que foram vendidos a terceiros como “bens rentáveis”.

Neste breve percurso, observamos a preocupação de Perrot (2007), na construção/recuperação da história das mulheres ao longo dos séculos, o que nos permitiu observar o tratamento recebido, os espaços e as possibilidades de representação ao longo dos séculos. Seguindo com uma breve explanação da chegada da escravidão na América, na qual foram vitimados e dizimados negros/as e índios/as. A situação de escravidão pelo viés raça, demonstrou sucintamente as mais variadas situações de violência e exploração a que estas mulheres estiveram submetidas. No tópico seguinte, adentraremos nas obras de Victória Santa Cruz e Eliane Potiguara, para observarmos a construção histórica da identidade destas mulheres na literatura latino-americana contemporânea.

2 Vozes Negras e indígenas na literatura latino-americana: uma questão de identidade

A proposta de demonstrar as vozes negras e indígenas nas obras contemporâneas latino-americanas se deu em função de que “a literatura atua como um elemento de transgressão ao poder da língua [...], mas também opera como uma forma de subversão às esferas do poder institucionalizado [...] por figurar como um espaço de denúncia contra a injustiça social” (BRAGA, 2009, p. 1) Propiciando que estas mulheres passem a se representar.

Em obras como *Iracema* (1991) e *O Cortiço* (1890) por exemplo, temos a tentativa de uma representação do feminino que é benéfica no sentido de nos apresentar um caminho, uma direção. No entanto, a perspectiva e a sensibilidade mudam quando elas próprias, mulheres negras e indígenas utilizam a própria voz para representar a si mesmas, a seus povos, a suas dores. A crítica apresentada por quem sentiu na pele o racismo é diferente, é intensa e comovente, é um contrapor as esferas de poder, um reconhecimento de si.

Em *Iracema* (1991) de José de Alencar, temos a idealização da mulher indígena e da valorização do indianismo e nacionalismo referentes ao período romântico em vigor. A índia é representada como a “virgem dos lábios de mel”, o caráter romantizado da narrativa aponta esta percepção. A construção da personagem pelo autor não escapa da estrutura literária clássica adquirida do conquistador.

Mesmo heroicizado romanticamente, com a marca impressa da valentia, estava sempre sob a mira do olhar determinante do colonizador. Não possuía a validade da natureza pura, pois sua valentia fora herdada da influência medieval, que o colonizador inseriu no contexto e o escritor tomou para si como baliza [...] Não foi impresso, no entanto, a figura humanizada, a exemplo das demais com as quais dividiu enredo. Foi, antes de tudo, um emblema, cerzido

com as cores locais e que escondia, sob seus pontos em relevo, o constante matiz de nativo selvagem a quem o não índio deveria civilizar, impondo sua cultura. (SANTOS, 2009, p. 21)

Segundo Santos (2009), o romance apesar de representar com reconhecida importância a figura indígena feminina, não consegue romper com os padrões literários colonizadores. A forma de construção da narrativa, a apresentação da personagem, segue os conceitos europeus sobre a técnica de produção da obra.

Em contrapartida, em *Metade cara, metade máscara* (2019), temos uma narrativa que visa demonstrar a identidade da mulher indígena rompendo desde o princípio da obra com os padrões literários por apresentar um livro composto de textos e poesias.

Minha dúvida acerca desse trabalho, passa exclusivamente pela forma e NÃO PELO CONTEÚDO, pois este trabalho entremeia textos e cânticos. Alguém já me criticou dizendo, como? Textos e poesia? Mas minha poesia são choro e exaltação, são cânticos, são cantigas que ilustram os meus textos analíticos contidos nessas histórias, entende??? Eu analiso e choro, eu analiso e grito, eu analiso e canto. Eu berro!!! E tenho esse direito de analisar e fazer o que quiser depois... Não são poesias como a literatura formal baseadas nos conceitos que os europeus querem. Quero quebrar essa forma. (POTIGUARA, 2002, *apud* GRAUNA, 2013, p. 182).

A forma como, Eliane Potiguara, constrói sua obra não a qualifica como pertencente a um determinado gênero estudado e reconhecido por compartilhar certas características. Ao contrário, como afirma em entrevista, sua literatura visa quebrar com as formas e conceitos de outrora. A identidade da mulher indígena contemporânea vem sendo apresentada desde a estrutura da narrativa.

Retomando *Iracema* (1991), temos uma personagem que se apaixona pelo invasor e com ele acaba tendo um filho mestiço, o desdobramento da história termina com a morte da personagem. Em *Metade cara, metade máscara* (2019), como se pode ver em Cunhantaí e Juripiranga temos um “casal que é separado no processo de expulsão das terras e por todos os desdobramentos do colonialismo e neocolonialismo. (POTIGUARA, 2019, p. 23). Os traços de luta e sofrimento pelo choque de culturas e na luta pelas terras se assemelham em ambas as obras, o que externa personagens indígenas que lutam por seus ideais, demonstrando uma postura de combate e não mais de silenciamento.

Ressaltamos a relevância da outra parte da narrativa de Eliane Potiguara, chamada por ela de textos. Nesses fragmentos, a voz indígena feminina é testemunha das injustiças sociais e todos os tipos de violência a que são submetidos atualmente os indígenas no Brasil, e mais especificamente, a mulher indígena.

O processo de colonização e neocolonização dos povos indígenas do Brasil os conduziu ao trabalho semiescravo [...] *causou* o desmatamento, o assoreamento dos rios, a poluição ambiental e a diminuição da biodiversidade local, entre outros estragos. As invasões trouxeram as enfermidades, a fome, o empobrecimento compulsório da população indígena. E mais: as dificuldades locais levaram muitas pessoas à migração, a submissão ao trabalho semiescravo e a péssimas condições de moradias (favelas, casas de palafitas na periferia dos centros urbanos). (POTIGUARA, 2019, p.43, grifo nosso)

A situação das famílias “desaldeadas ou desestruturadas” leva as mulheres indígenas a se tornarem vítimas de “abusos, assédio, violência sexual” quando não se submetem a casamentos para “viverem miseravelmente nas casas de palafitas” são destinadas a outra forma de escravidão “é a constatação da presença delas em prostíbulos e em zonas de meretrício, onde vendem seu corpo por migalhas” (POTIGUARA, 2019, p. 31) A autora segue denunciando que o governo não consegue desenvolver políticas que atendam aos povos indígenas, evitando todos esses danos irremediáveis a eles. Ainda segundo a autora, a influência do colonizador/usurpador mudou a posição social da mulher indígena na tomada de decisões nas tribos.

[...] antes do processo de escravidão, a mulher indígena tinha o mesmo papel de decisão que os pais, maridos, irmãos. A sua palavra era a palavra final para decidir a guerra intertribal, uma decisão ou uma assembleia política. Com a chegada dos estrangeiros, a mulher passou a retaguarda e permanece até hoje servindo de mão de obra escrava, ou submetendo-se à neocolonização como objeto sexual e descartável (POTIGUARA, 2019, p.58).

De fato, percebemos a inversão da postura da mulher na sociedade indígena, semelhante a todas as mulheres da sociedade colonizadora, elas tiveram sua voz e posição de decisão retiradas, sendo destinadas ao silenciamento. No entanto, a própria autora nos revela por meio de sua representatividade, que a mulher indígena retoma sua voz, agora não clama apenas em sua aldeia, mas ao mundo. A sua voz está escrita na história e na literatura deste continente, expressando sua identidade, e segundo a própria autora “o papel da mulher na luta pela identidade é natural, espontâneo e indispensável” (POTIGUARA, 2019, p.46)

Neste mesmo percurso de observação partimos para o feminino negro, representado por Bertoleza e Rita Baiana, em *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo. A percepção das duas personagens é bem distinta. Bertoleza é a “crioula trintona, escrava de um velho cego” (AZEVEDO, p.1)³ representando a força de trabalho.

³ A edição de *O Cortiço* escolhida para esta análise não contém ano de publicação e pode ser encontrada no *site* da Biblioteca Nacional.

Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo-o à porta, para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante, com o coração eternamente emprenhado de desgostos que nunca vinham à luz (AZEVEDO, p. 81).

Efetivamente, a personagem do século XIX, evidencia a exploração das negras escravas. Em contrapartida, há no romance uma descrição diferente para Rita Baiana. A personagem é representada com destaque a seus atributos de beleza e sensualidade, conduzindo ao entendimento de que a mulher negra neste período é ilustrada pela exploração ora do trabalho, ora da sensualidade.

No século XX, em *Me gritaron negra* (1960), há uma inversão de valores. As marcas do racismo permanecem enfáticas, mas a mulher que fora silenciada em Bertoleza, ou sensualizada com Rita Baiana. Em Victória Santa Cruz, transita para o reconhecimento e valorização de sua raça. É vítima do preconceito, mas não silencia, não se limita, não tem medo de clamar. “De pronto unas voces en la calle me gritaron ¡Negra!” (SANTA CRUZ, 1960). A surpresa inicial da personagem se dá em função de se tratar de uma menina de sete anos que não compreende o significado de ser “negra”. Mas a partir desse momento consegue perceber que este termo é utilizado de forma negativa.

¿Soy acaso negra?- me dije
¡Sí!
¿Qué cosa es ser negra?
¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía.
¡Negra!
Y me sentí negra,
¡Negra! (SANTA CRUZ, 1960).

Evidentemente, a personagem percebeu que ser negra era algo ruim, e nesse instante, retrocedeu, se sentia rejeitada e se envergonhava por ser assim. A tentativa de alisar os cabelos e passar maquiagem no rosto demonstram a negação de si e a tentativa de uma aceitação social. Nas linhas seguintes do poema percebemos a mudança temporal e com ela a compreensão da importância de ser negra, de se reconhecer como tal.

Y voy a reírme de aquellos,
que por evitar -según ellos-
que por evitarnos algún sinsabor
Llaman a los negros gente de color
¡Y de qué color!

NEGRO
¡Y qué lindo suena!
NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO
Al fin
Al fin comprendí
AL FIN
Ya no retrocedo
AL FIN
Y avanzo segura
AL FIN
Avanzo y espero
AL FIN
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
que negro azabache fuese mi color (SANTA CRUZ, 1960).

Por fim, percebe que ser negra é motivo para se orgulhar e resistir. “Resistência é um conceito originalmente ético e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria a força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*; o antônimo familiar é *de/sistir*” (BOSI, 2002, p. 118). A comprovação do ato de resistir está nas linhas finais do poema quando grita como soa lindo a palavra, negro. Externando seu orgulho, as marcas de sua ancestralidade, as lutas históricas e a resistência que o ser negro traz consigo no sague.

A mulher negra traz como marca de sua identidade o orgulho de ser, de si. Livre das amarras da escravidão, conquistou por meio de muita luta, de muito grito o reconhecimento e o respeito por ser que é, negra. O preconceito e o racismo ainda persistem, são batalhas diárias, mas que nunca mais serão razão para o silenciamento.

Considerações finais

Em síntese, nessas poucas páginas traçamos um breve percurso histórico, buscando demonstrar o estabelecimento da identidade das mulheres negras e indígenas, por meio de suas vozes na literatura latino-americana contemporânea. Esse instrumento a que elas se apossaram, a voz. Vem demonstrando uma transformação da representação do discurso feminino, construído a partir de si, no livro e no poema. Como afirma Perrot (2007, p.15) “Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas (PERROT, p. 15, 2007) Ativas no sentido de não mais silenciar, de clamar por seus direitos, por seu espaço, por respeito e representatividade.

As denúncias apresentadas por Potiguara (2019), assustam pelos relatos de todos os tipos possíveis de violências narradas, e ao mesmo tempo, corroboram na tentativa de transformarmos as políticas públicas de assistência aos povos indígenas, infelizmente, comprovamos as afirmativas do descaso ao acompanhar os noticiários diariamente. A própria autora é testemunha das injustiças a que são submetidas as mulheres indígenas e é uma representante que prova ser possível transformar essa realidade por meio da voz que grita contra as mazelas acometidas a seu povo.

Nos tempos atuais, é hora do desafio. Extirpar o monstro que nos mata dia a dia é dura tarefa. Primeiro se sofre calado. Há os que se acostumam com a dor, a opressão e a repressão social e política, desembocando no equilíbrio ou na loucura. Mas há os que clamam, depois de invernos. Há os que berram! (POTIGUARA, 2019, p. 59)

A voz que retrata a violência, a intolerância, a desigualdade e as injustiças sociais sofridas pelos indígenas desde o início da colonização é a ferramenta que permitirá as transformações necessárias.

Referências

- ALENCAR, José de. *Iracema*. 24ª. edição. São Paulo: Ática, 1991.
- ARMELIN, Débora. *Victoria Santa Cruz, a força de uma voz afro-peruana*. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/victoria-santa-cruz-forca-de-uma-voz-afro-peruana>>. Acesso em 08 julho de 2019.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Biblioteca Nacional [S. d].
- BRAGA, Elda Firmo. Literatura, poder e contra-poder. *Revista Hispanista*, n. 397, 2009.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: __. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
- DAVIS, Angela. *Mulher, Raça, e Classe*. 1ª ed. Grã Bretanha: The Women's Press, 1992.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. 2ª ed., Belo Horizonte MG: Mazza Edições, 2013.
- MALDONADO-TORRES, N. *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. p. 127-167. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores. 2007
- OSPINA, William. *El país de la canela*. Bogotá, Colombia: Grupo editorial norma. 2008.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Rio de Janeiro: Grumin, 3ª ed. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. p. 117-142. Buenos Aires: CLACSO. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 02 set 2017.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

STOLKE, Verena. *O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*. Rev. Estud. Fem. [online]. 2006, vol.14, n.1, pp.15-42.